

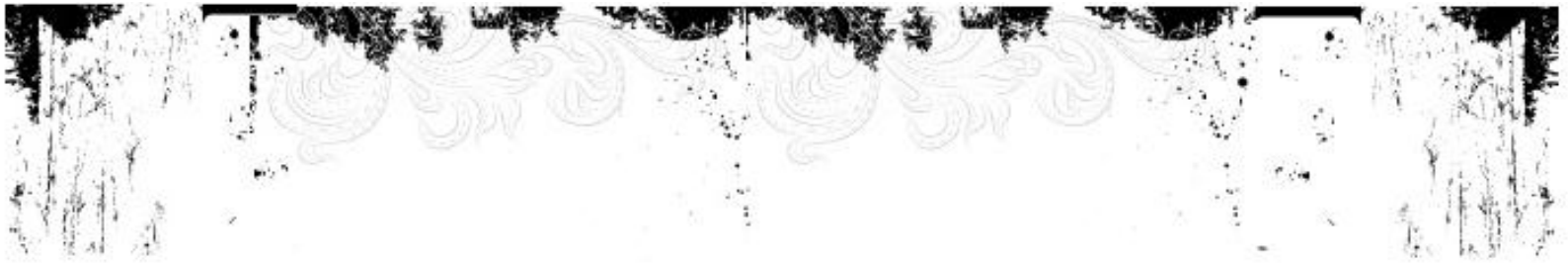
a bonus shadow falls
short story



Turned at Dark

c. c. hunter





Turned at Dark

Shadow Falls 0.5

C.C. Hunter



Della Tsang, de dezesseis anos de idade, nunca tinha visto um fantasma, até que ela viu seu primo morto deslizar do outro lado da rua e entrar no beco. Se não fosse pela iluminação da rua acima de sua cabeça, ela poderia não o ter visto. E, se não fosse por uma cicatriz que corria ao longo do queixo dele, ela poderia ter pensado que era apenas alguém que se parecia com Chan. Então, novamente, já passava da meia-noite. Mas ela *tinha* visto a cicatriz. Uma cicatriz que ela meio que tinha lhe dado quando eles tinham seis anos e estavam saltando no trampolim e ele colidiu contra a cabeça dela.

Della “Cabeça-Dura” tinha sido seu apelido de família depois disso. Às vezes, Della se perguntava se tinha realmente sido obstinada naquela época, ou se o nome tinha acabado por ser mais outra coisa que ela tinha que ser. Sendo de origem asiática, havia grandes expectativas — às vezes, muito altas. Mas porque ela e sua irmã eram meio-brancas, seu pai insistia que deviam se esforçar o dobro para provar que o amor de seus pais não havia contaminado a árvore genealógica.

Um par de faróis se movendo para baixo na estrada chamou a atenção de Della para longe do beco onde Chan tinha desaparecido. Não que ela acreditasse que era realmente Chan. Sério? O carro se



aproximou e, pensando que era Lee para buscá-la, Della saiu da varanda de sua melhor amiga Lisa, deixando o som da festa atrás dela.

Pelo menos duas vezes por mês, Della e Lee tentavam se esgueirar para que pudessem estar juntos por uma noite inteira. Ela sabia que seus pais ficariam loucos se soubessem que ela e Lee estavam dormindo juntos. Nem sequer importava que eles estivessem praticamente noivos. Mas pelo menos Lee tinha conseguido um selo de aprovação de seu pai.

Felizmente, ela concordava com ele também. Não que ela concordasse com o pai em tudo. No entanto, Lee era tudo o que Della queria em um namorado — quente, popular, inteligente e, felizmente, para a sanidade de seu pai, asiático. Nem sequer a incomodava que Lee não estivesse totalmente dentro de toda a coisa da festa.

Ela deu ao beco uma última olhada. Não poderia ter sido Chan. Ela participou de seu funeral menos de um ano atrás, tinha visto seu caixão ser baixado no chão. Ela lembrava que não tinha chorado. Seu pai tinha insistido que ela não o fizesse. Ela se perguntou se seu pai ficaria decepcionado se soubesse que naquela mesma noite, enquanto estava sozinha na cama, ela tinha chorado por horas.



Quando o carro passou mais perto, Della percebeu que estava errada. Não era Lee. Ela viu o carro descer a rua, passando pelo beco. Ela ficou ali, olhando, de repente se sentindo sozinha no escuro, quando seu telefone apitou com uma mensagem de texto. Puxando-o, leu a mensagem.

Os meus pais ainda estão acordados. Chegarei atrasado.

Franzindo a testa, ela guardou o telefone e seu olhar deslizou de volta para o beco. O quanto machucaria apenas... Ir verificar? Só para provar que fantasmas não existem... Movendo-se lentamente nas sombras, ela se aproximou do beco. O frio da noite de Janeiro escoou através de sua jaqueta de couro e o suave *toc toc* de seus passos parecia alto.

Talvez muito alto. Tão logo ela virou a esquina, ouviu gritos. Ela parou. Sua respiração ficou presa pela visão da luta — ou intensa guerra — ocorrendo. O som de um punho batendo contra carne encheu a escuridão fria e ela viu corpos sendo atirados no ar, como bonecas de pano.

Della podia não estar familiarizada com este lado mais sombrio da vida, mas ela imediatamente soube no que tinha tropeçado. A guerra de gangues. Seu coração saltou em sua garganta. Ela tinha que



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



sair daqui e rápido. Ela recuou, mas o salto do seu sapato torceu e ela tropeçou. Sua perna subiu no ar e ela caiu com um baque forte.

Caindo de bunda, as suas mãos pousaram nas laterais para suportá-la. Ela sentiu uma dor aguda na palma da mão, sem dúvida, de um pedaço de vidro de uma garrafa de cerveja quebrada a poucos centímetros de distância. Estremecendo, ela murmurou:

— Merd... — o xingamento de uma palavra ainda não tinha deixado seus lábios quando o silêncio de morte de repente chamou a atenção dela para cima. Os combates haviam parado e pelo menos seis rapazes — jovens, da sua idade — começaram se mover em direção a ela.

Se movendo estranhamente, como se... Sua postura a fez lembrar-se de um bando de animais vindo para verificar a sua presa. O foco de Della se desviou dos estranhos movimentos corporais do grupo, para os olhos deles. Seu coração sacudiu quando viu seus olhos brilhando com um laranja vivo. Então ruídos de rosnar baixo encheram as sombras.

— O que... — antes que ela pudesse terminar sua frase, eles estavam em cima dela.

— Humanos. Hum! — um deles disse.



Tensão encheu o seu peito.

— Eu vou embora — ela saltou para seus pés.

De repente, ela ouviu passos atrás dela e sabia que eles a tinham cercado. O rosnar se intensificou e por um segundo, ela poderia jurar que os sons não eram humanos. Ela se virou, na esperança de encontrar um caminho para fugir, mas instantaneamente algo a agarrou pela cintura e um vento frio explodiu contra seu rosto.

Ela sentiu-se tonta, desorientada, como se de repente estivesse viajando a alta velocidade como em uma montanha russa. Ela tentou gritar, mas nenhum som saiu. Trevas a cercavam e demorou um segundo para perceber que ela tinha os olhos fechados. Ela tentou abri-los, mas a corrente de ar que vinha contra ela era tão forte que os fechou novamente.

O que diabos estava acontecendo? — agora ela se sentia como se... como se estivesse voando. Ou caindo. Não, não caindo... Alguém, ou alguma coisa, a tinha nas mãos.

Seus pulmões gritaram por ar, mas o que ela achava que era um braço estava apertado em volta de seu estômago, cortando sua capacidade de respirar. Ela tentou libertar-se, mas seus esforços foram inúteis. Quem a estava agarrando era construído de aço e sua carne



era fria, dura. Algo molhado parecia escorrer da mão dela e ela percebeu que era seu sangue a partir de onde ela se cortara.

Logo em seguida, o corte começou a queimar. Queimar horrivelmente, como se alguém lhe tivesse deitado álcool. A dor lancinante parecia subir o braço percorrendo todo o caminho até ao peito, e por um segundo, seu coração não bateu. Ela engasgou, na esperança de respirar, mas nada parecia chegar até os seus pulmões. Recusando-se a deixar que o medo a impedisse, forçou as palavras:

— Deixe-me ir, seu idiota!

Um choque percorreu seu corpo quando os seus pés bateram no chão. O braço a libertou. Seus joelhos dobraram, mas ela se equilibrou no último segundo e abriu os olhos. Piscando, tentou se concentrar, mas tudo parecia borrado.

— Respire — alguém disse e ela reconheceu a voz profunda e masculina.

Reconheceu Chan.

Fantasmas existiam?

Não, eles não podiam. Uns segundos mais tarde, sua visão limpou e santa mãe das pérolas, ela estava certa. Chan estava em



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



frente a ela. Náuseas a atingiram. A palma da mão ainda ardia. Ela agarrou o estômago, inclinou-se e vomitou sobre seu primo morto.

— Oh, merda! — ele pulou para trás.

Ela ficou em pé novamente e olhou, pensando que a qualquer minuto acordaria. Ou talvez não fosse um sonho. Será que alguém tinha deitado algo em sua bebida esta noite? Ela apertou as palmas das mãos nos olhos e não se importou que provavelmente estivesse manchando o sangue do corte em sua mão por todo o rosto. Quando ela deixou cair as mãos, olhou Chan, só que agora seus olhos negros brilhavam de uma cor verde brilhante.

Ele saltou para trás novamente.

— Você está sangrando!

— Você está morto — ela apertou sua mão sangrenta sobre sua barriga esperando silenciar as náuseas e diminuir a sensação doentia.

Ele ergueu as sobrancelhas pretas juntas e olhou mais atentamente.

— Maldito inferno! Você está se transformando.



— Não, não estou! Eu estou parada, em um só lugar¹ — ela retrucou. — Então, novamente, eu me sinto tonta — fechou os olhos e depois os abriu novamente.

— Você precisava de ajuda então eu... Eu não sabia que você tinha se cortado, ou...

— Eu não precisava de sua ajuda, eu teria... Pensado em alguma coisa.

Ele balançou a cabeça.

— Ainda cabeça dura, hein?

Ela abraçou a si mesma.

— O que aconteceu? Não, o que está acontecendo? — ela olhou ao redor e viu que eles não estavam mais em qualquer lugar perto da casa de Lisa ou no beco escuro onde ela tinha ido procurar. — Você está morto, Chan. Como você pode estar aqui?

Ele balançou a cabeça e olhou para a testa dela.

— Se eu soubesse que você estava sangrando, eu não teria... Eu deveria saber que você era uma portadora. Mas se eu não tivesse tirado você de lá, os cães teriam te comido viva.

¹ No original é 'You're turning', que tem o significado literal de você está virando, mas que no contexto é se transformando, mas ela não entende.



Ela parou de ouvir e tentou fazer algum sentido da porcaria que tinha acabado de acontecer. Ela se lembrava de ver a briga de gangues, então ela caiu, e então ela tinha sido cercada, e...

— Oh droga, eu estou morta?

— Não. Mas você vai pensar que está morrendo daqui a pouco. Você me tocou com uma ferida aberta. Seu vírus está ganhando vida agora. É por isso que você está se sentindo assim — ele parou de falar e colocou o nariz no ar. — Droga, os cães estão nos procurando. Eu tenho que te tirar daqui — estendeu a mão para ela e ela pulou para trás.

— Fique longe. Você tem vômito sobre você.

— É seu vômito.

— Eu não me importo. Eu não quero isso sobre mim. Eu acho que... — o que fosse que ela estava pensando saiu da janela mental. Mais uma vez, o vento soprou seus cabelos sobre os ombros. Os longos fios sopraram com tanta força que ardeu quando bateu contra seu rosto.





A cabeça de Della doía como algo feroz. Seria essa sua primeira ressaca oficial? Quantas cervejas ela tinha bebido, apenas uma, certo? Ela nunca bebia mais do que... Ela abriu seus olhos e viu-se olhando para o teto do seu quarto. Sabia que era o quarto dela, porque podia sentir o cheiro das velas perfumadas de baunilha e do produto de limão com que ela fielmente polia sua mobília toda a sexta-feira. E seu travesseiro ainda cheirava a Lee, de quando ele a deixou em casa depois da escola na segunda-feira e ninguém estava. Ela amava como ele cheirava. Mas como ela tinha chegado a casa desde o...

Fragmentos de memórias começaram a se formar — Chan, a briga de gangues, a sensação de voar.

Voar?— ela saltou para cima. Sua cabeça quase explodiu.

— Merda — ela resmungou e disse a si própria que tinha sido um sonho.

— Ei, prima.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



A voz dele veio ao mesmo tempo em que a náusea. Ela se virou e pela segunda vez vomitou sobre seu primo morto.

— Ahh, nojento — disse Chan, mas depois ele riu. — Eu acho que mereço isso. Não que eu quisesse que isto acontecesse. Eu realmente não o fiz — mas então ele riu novamente.

Della não estava rindo.

— O que está acontecendo? — lágrimas, em parte pela frustração, em parte pela dor, encheram os olhos de Della. Ela forçou-as a recuar. Limpou a boca com a manga de sua camisa e viu sua jaqueta de couro jogada sobre o pé da cama.

Chan colocou uma mão no ombro dela e deu-lhe um empurrão para baixo.

— Deite-se para baixo e eu vou explicar.

— Houve uma guerra de gangues... — ela murmurou, tentando se lembrar.

— Sim, vampiros e lobisomens. Fui assistir. É legal ver-nos acabar com alguns cães.



O telefone dela, pousado em sua mesa de cabeceira, apitou com uma mensagem de texto. Ela tentou alcançá-lo, mas se mover doía. Outra onda de lágrimas encheu-lhe a garganta.

— É o seu “garoto amante” — disse Chan. — Essa deve ser a décima mensagem que ele envia. Eu acho que você faltou ao seu encontro — Chan balançou a cabeça. — Então, minha prima está ficando a sério com um cara, hein? Eu sinto que deveria ir bater nele ou algo assim.

Ela caiu de costas na cama.

— Você quer que eu lhe mande uma mensagem dizendo que você está bem?

— Eu não estou bem! — falar fazia sua cabeça doer mais. Perceber que estava falando com um fantasma tornava a dor duas vezes pior. Dor surgiu na parte de trás de seus olhos e ela fechou-os, rezando por alívio.

— O que há de errado comigo? — ela murmurou para si mesma e não para Chan, porque a lógica lhe dizia que Chan não estava realmente lá. Alguém deve ter colocado algo em sua bebida na festa. *Yeah!* Tinha que ser isso.

Ela ouviu uma cadeira ser puxada para o lado de sua cama.



— Você não vai acreditar nisso e é de se esperar. Levará um tempo para você aceitar. Você vê... Eu não estou morto. Eu... bem, a nossa família carrega esse vírus. Está dormente e você pode viver toda a sua vida e nem sequer saber disso, mas quando entramos em contato íntimo com um portador do vírus vivo, especialmente quando há sangue envolvido, o vírus fica ativo.

— Eu tenho um vírus? — ela engoliu outro ataque de náuseas.

— Sim.

— A gripe das aves? — perguntou ela.

— Não é bem assim.

— Vírus do Nilo Ocidental?

— Não. Vampirismo.

Ela abriu um olho, era tudo o que conseguia fazer, e olhou para ele. Ela teria rido se não se sentisse como se estivesse morrendo.

— Eu sou um vampiro?

— Ainda não, leva quatro dias. E não vai ser fácil. Mas eu vou te ajudar durante isso.



— Eu não preciso de sua ajuda — ela era filha de seu pai, sempre descobrindo como se ajudar a si mesma. Della fechou o olho. Outra dor atravessou a parte de trás de sua cabeça e ela percebeu que a única forma de se ajudar a si mesma agora era obtendo ajuda. Mas não de um fantasma. Usando toda a energia que tinha, ela ficou de pé. O mundo começou a girar.

— Onde você está indo? — Chan apanhou-a mesmo antes de ela cair sobre seu rosto.

Ela começou a ignorar Chan, porque ele não era real, mas que inferno.

— Tenho que ir até à mamãe — o que fosse que alguém colocou na bebida dela era uma coisa muito poderosa, porque ela estava sentada aqui falando com um fantasma sobre vampiros.

— Eu não posso deixar você fazer isso — Chan empurrou-a para trás sobre a cama, não que fosse necessário muito esforço. Ela tinha tanta energia quanto um caracol tomando Xanax², nadando em um copo de chá de camomila.

— Mãe? — Della gritou.

² É um fármaco utilizado em distúrbios da ansiedade e em crises de agorafobia.





Della não tinha certeza se ela tinha estado no hospital três horas ou dez. Ela não estava se sentindo melhor, mas pelo menos ela parou de ter alucinações. Chan havia desaparecido. Ele não tinha aparecido desde que sua mãe encontrou-a na posição fetal, vomitando novamente.

As enfermeiras entravam e saíam do quarto dela, tentando forçá-la a beber alguma coisa. Ela não queria beber nada.

— O que diabos ela tomou? — Della ouviu o pai murmurar.

— Nós não sabemos se ela tomou alguma coisa — respondeu a mãe.

— Por que ela faria isso conosco? Ela não sabe como isso vai parecer? — seu pai perguntou.

Della considerou tentar dizer a eles mais uma vez que a única coisa que ela tinha feito foi beber uma cerveja. Antes, ela tinha quase confessado sua teoria de que alguém possa ter colocado algo em sua bebida, mas parou quando percebeu que teria colocado Lisa em



apuros. Melhor manter a boca fechada e tomar qualquer castigo que viesse.

— Eu não dou a mínima para o que parece! Eu só quero que ela esteja bem — disse sua mãe.

Era a mesma discussão, versão diferente. Mamãe odiava o orgulho do papai. Della não gostava muito, mas ela entendia. Ela odiava cometer erros, também. E em cima disso, ela tinha visto o apartamento de um só quarto sobre um restaurante chinês em que seu pai e seus seis irmãos tinham sido criados. Seu pai e sua família mereciam estar orgulhosos do que tinham conseguido. E isso não tinha acontecido por cometerem erros.

Della ouviu a porta do hospital abrir de novo.

— Por que você não faz uma pausa, vou ficar aqui por um tempo — disse uma voz feminina. Della pensava que tinha ouvido a voz mais cedo. Provavelmente uma enfermeira.

O som de seus pais saindo encheu o quarto. Della sentiu uma esmagadora gratidão para com a enfermeira por poupá-la de ter de ouvir a discussão, mas ela não estava bem o suficiente para expressá-la.



— Você é bem-vinda — disse a enfermeira, quase como se pudesse ler a mente de Della.

Della abriu os olhos. A enfermeira estava sobre ela. Piscando, Della tentou se concentrar, mas então algo estranho aconteceu. Ela podia ver... Algo na testa da mulher. Algo estranho. Como linhas e outras coisas, como uma espécie de padrão de computador. Ela piscou com força e lentamente abriu os olhos novamente. Ajudou. As coisas estranhas haviam desaparecido. Della começou a se empurrar para cima e percebeu que algo tinha ido embora. O corte em sua mão. Como se tinha curado tão rápido?

A enfermeira sorriu.

— Alguém já falou com você?

Della se forçou a alcançar o grande copo sobre a mesa do hospital.

— Sobre beber a minha água? Sim.

— Não, sobre o que está acontecendo com você — a enfermeira tirou o copo da mão de Della. — Não beba nada. Isso vai fazer você mais doente.

— Mais doente? Eles descobriram o que está errado?



A porta foi aberta e um médico entrou, mudou-se para o lado de sua cama e olhou para ela.

— Ela sabe? — ele perguntou à enfermeira.

— Sabe o quê? — Della deixou escapar.

— Acho que não — a enfermeira ignorou a questão de Della.

— Sabe o quê? — ela perguntou de novo.

— Os pais dela não são portadores do vírus vivo? — perguntou o médico.

— Não — respondeu a enfermeira.

— Querem parar de falar sobre mim como se eu não estivesse aqui?

O médico encontrou o seu olhar.

— Desculpe. Eu sei que isto é difícil — a intensidade do seu olhar perturbou-a. Por alguma razão, tudo sobre ele a perturbava. O que era estranho. Ela normalmente não era repelida por pessoas instantaneamente. Isso geralmente levava pelo menos 15 minutos e uma boa razão.



Ela começou a fechar os olhos, e... Bam! A coisa estranha apareceu na testa do doutor. O médico rosnou, um rosnado verdadeiro. Della lembrou os membros da gangue fazendo...

— Alguém sabe — o médico balançou a cabeça de volta para a porta.

A porta do hospital se abriu com tanta força que bateu contra a parede e soou como se tivesse tirado um pedaço da parede. Della olhou para cima, mas o médico bloqueava sua visão.

— Que diabos você está fazendo com ela? — Chan parou do outro lado da cama.

— Merda — disse Della. — Está acontecendo de novo — e quando ela olhou para a enfermeira a coisa louca estava na testa dela de novo. Era como se Della pudesse ver dentro da cabeça da enfermeira como em algum filme brega de categoria B. Ela podia ver a frente do seu... Cérebro.

Yup! Parecia um cérebro, só que não era apenas enrugado. Tinha estranhas linhas em ziguezague, um cruzamento entre arte moderna ruim e antigos hieróglifos.

— O que está acontecendo? — perguntou a enfermeira.



— Eu estou... Vendo fantasmas — Della teve que forçar-se a parar de olhar para o cérebro da mulher. Ela olhou para Chan e agora ele tinha algo em sua testa, também. Só que o seu cérebro parecia diferente.

— Nós estamos tentando ajudá-la — respondeu o médico a Chan.

A respiração de Della ficou presa.

— Você pode vê-lo, também?

Chan rosnou para o médico, expondo os dentes, e ela lembrou a anterior conversa insana sobre vampiros.

— Ela não precisa do seu tipo de ajuda, Lobisomem!

— Você fez isso com ela? — perguntou o médico. — Foi você que a infectou?

— Sim — Chan fervilhava. — Mas eu não sabia que ela estava sangrando e, se você quer saber, eu não tive escolha. Era agarrá-la e tirá-la do beco ou deixar os cães matá-la!

O médico franziu o cenho.

— Você, pelo menos, explicou a ela?



— Eu tentei — disse Chan. — Ela não acredita.

— Acredita no quê? — Della perguntou, piscando furiosamente, tentando tirar essas merdas das testas de todos. — Ele está morto — ela retrucou.

— Temos de tirá-la do hospital antes que comece a Fase Dois — disse a enfermeira.

Fase o quê? Nada fazia sentido agora. O médico olhou para Della.

— Olha, seu primo não está morto. Ele é... Um vampiro e graças ao seu descuido, goste ou não, você está prestes a se tornar um também.

A cabeça de Della começou a doer novamente.

— Eu tenho que ir — disse Chan. — Seus pais estão chegando no elevador.

— Espere — o médico disse a Chan. — Se eu a liberar, você vai ajudá-la através do processo?

— Eu não preciso da ajuda de ninguém! — Della insistiu.

— Claro que vou — disse Chan. — Ela é minha prima.



A enfermeira olhou para Della.

— Quando a transformação estiver completa, eu quero que você ligue para esta mulher — ela entregou um cartão a Della. Quando Della não o pegou, a enfermeira colocou-o em sua mão.

— Ligar para quem? — Chan perguntou enquanto recuava para a porta.

— Holiday Brandon. Ela é a diretora do Acampamento Shadow Falls. Ela pode ajudar.

— Oh, inferno não! Della não vai para esse estúpido acampamento para o governo lhe fazer uma lavagem cerebral.

Os ombros da enfermeira ficaram tensos.

— Eles não fazem lavagem cerebral em ninguém. Eles vão ajudá-la a decidir o que é melhor para ela.

— Eu sei o que é melhor para ela. Ela vem morar comigo.

Viver com Chan?

Della se esforçou para seguir a conversa louca. Então ela ouviu o elevador chegar, como se fosse mesmo do lado de fora de sua porta.



— E fingir sua própria morte, como você fez? É por isso que ela pensa que você é um fantasma, certo? — a enfermeira balançou a cabeça. — Isso é realmente o que você quer para ela? Ter que abandonar toda a sua vida, sua família?

Chan não respondeu. Della só viu um borrão aparecer onde ele tinha estado. A porta balançou aberta e fez com que outro pedaço de gesso caísse no chão. O médico e enfermeira olharam para Della com pena, simpatia. Della fez uma careta para eles.

— A enfermeira está certa — disse o médico. — Ligue para Shadow Falls. Confie no seu primo para ajudá-la com os próximos dias, mas depois disso, não acredite em tudo o que ele lhe disser. Você parece uma garota inteligente. Use a sua própria mente. Com bom planejamento, nós podemos viver uma vida normal.

— Nós? — Della perguntou.

— Sobrenaturais — disse ele e apontou para o próprio peito. — Lobisomem — pontou para a enfermeira. — Fae. E você é vampira. Há outros, mas você vai aprender sobre eles com o tempo.

Della caiu de volta para o travesseiro.

— Então é oficial? — ela murmurou.



— O que é oficial? — perguntou a enfermeira.

— Eu fiquei louca.



— Você precisa comer e beber alguma coisa — disse a mãe de Della e entregou-lhe um copo com vapor subindo acima da borda.

Della havia saído do hospital há um dia. Sua cabeça latejava como mofo, seu corpo doía como o pior caso de gripe que já tinha tido. E mentalmente ela estava escorregando. Sua avaliação já não dependia do fato de que ela via Chan. Dependia do fato de que ela estava tão perto de acreditar nele. Ela estava se transformando em um vampiro. E, de acordo com Chan, os dois primeiros dias foram um passeio pela Easy Street em flip-flops em relação ao que os próximos dois seriam.

Ela levou o copo de chá quente aos lábios e fingiu beber, na esperança de apaziguar sua mãe. A enfermeira, e em seguida Chan, haviam lhe dito que comer ou beber alguma coisa iria piorar as coisas.



Oh, Della não tinha acreditado na palavra deles. Não. Ela teve que ver para crê. Ela nunca tinha ouvido falar de ninguém que tivesse vomitado um órgão vital, mas as probabilidades eram de que lhe estivesse faltando um pulmão agora. Graças a Deus, ela tinha dois.

— Lee ligou novamente — sua mãe disse, endireitando as cobertas sobre Della.

— Ele está vindo? — Della conseguiu perguntar, dividida entre querer vê-lo, e não querer que ele a visse assim. Vomitar um pulmão não deixava ninguém com sua melhor aparência.

— Eu disse que ele podia, mas ele disse que sua mãe estava preocupada que você pudesse ser contagiante.

— Ela nunca gostou de mim — Della fechou os olhos.

— Por que você diz isso? — a mãe dela se levantou.

Porque eu sou meio-branca.

— Eu não sei — Della mentiu e abriu os olhos. — Porque eu sou muito imprudente.

Sua mãe apertou a mão de Della.



— Você é muito imprudente. Muito independente. Muito teimosa. Um pouco como o seu pai. Mas eu o amo, também — ela escovou a franja de Della para fora da testa.

Quando sua mãe foi embora, Chan saiu do armário. Ele subiu na cama.

— Você está prestes a chegar à Fase Três.

— Como você sabe? — ela perguntou e oh, caramba, cada nervo em seu corpo parecia gritar. Se esta era a Fase Três, ela não gostava nem um pouco dela!

— A frequência cardíaca está aumentando — disse ele. Della empurrou a cabeça para trás no travesseiro e murmurou algumas palavras feias. — Ouça-me, Della. Isto é muito importante. Quando seus pais vieram aqui, você tem que agir normalmente. Aconteça o que acontecer, não podemos deixá-los levar você de volta para o hospital.

— Por que não? — ela perguntou e gemeu.

— Há muito sangue lá. Você pode ser dominada por ele. Até mesmo o cheiro de sangue pode te dominar. As primeiras alimentações têm que ser controladas.



Outra dor percorreu o seu corpo e ela mordeu o lábio para não gritar.

— Posso morrer com isso? — ela amontoou um punhado de cobertor e espremeu. Ela odiava estar com medo. Odiava porque era um sinal de fraqueza.

Seus olhos negros encontraram os dela.

— Sim.

Outra dor aguda explodiu em sua cabeça.

— Vou morrer? — seus pensamentos foram para Lee. Ela queria que ele estivesse aqui para abraçá-la. Se ela morresse, ela queria vê-lo uma última vez. Então seus pensamentos foram para sua irmãzinha, Joy. Della tinha jurado estar lá para ela, para se certificar de que ninguém nunca intimidaria Joy, como eles a tinham intimidado a ela. Por alguma razão maluca, Della sabia que sua irmã não era tão forte quanto ela.

— Não, você não vai morrer — disse Chan, mas Della viu a dúvida em seus olhos. — Você é muito cabeça dura. Della cabeça-dura não pode morrer. Você está me ouvindo? Você não pode morrer, Della. Você vai ser forte.





Dois dias depois, Della acordou lentamente. Ela tinha dormido irregularmente durante a maioria das passadas 48 horas. Ela se lembrava de se sentar e fingir comer quando seus pais entraram, para não ser levada de volta para o hospital. E ela se lembrava de conversar com Chan algumas vezes. Mas ela tinha estado tão febril e sem noção que a sua memória ainda estava nebulosa. Abriu os olhos e rapidamente bateu a mão sobre eles para bloquear o sol se derramando através de sua janela.

— Pare com isso — ela exigiu.

— Com quem você está falando? — Chan perguntou.

— O sol — ela rosnou e quase cortou a língua nos dentes.

— Ele me irrita também. Somos pessoas da noite agora. Mas está prestes a anoitecer — Chan deve ter baixado as cortinas, porque o brilho ardente desbotou. Ele continuou falando. — Logo que seus pais forem para a cama, nós vamos sair. Eu preciso educá-la.

— Educar-me em quê?

— Sua nova vida.



Ela tirou o braço de seus olhos e olhou em volta. A primeira coisa que viu foram as flores. Rosas vermelhas. Lee? Sim, ela se lembrava de sua mãe trazê-las e ler o cartão. Lee disse que a amava. Ela sorriu e percebeu que não doeu. Não sua cabeça. Não o seu intestino. Na verdade, ela se sentia... Bem. Forte. Ela se sentia mais viva do que nunca.

— Eu estou bem! — ela estendeu os braços e fez uma pequena dança cama.

— Sim, você conseguiu. Assustou-me por um tempo, mas...

— Onde está meu celular? — ela queria chamar Lee.

— Na gaveta, para eu não ter que ouvir todos os bipes. Seu menino amante está preocupado com você.

Logo em seguida, toda a sua conversa sobre o vampirismo correu por sua cabeça. Ela realmente acreditava? E se não, como ela poderia explicar Chan? Ela afastou isso de sua mente e decidiu desfrutar não se sentir como cocô de cachorro antigo por alguns segundos antes de viajar por esse caminho. Um caminho que, de alguma forma, ela sabia que ia causar-lhe um monte de dor.

Sentada de lado na cama, ela se lembrou de Chan sustentando-a para cima nos travesseiros e dizendo-lhe para fingir que estava tudo



bem, cada vez que ele ouvia seus pais subindo as escadas. Ela não conseguia se lembrar de quão bem ela tinha conseguido fingir, mas provavelmente não muito mal, porque eles nunca a levaram de volta ao hospital.

Ela se levantou, espreguiçou-se e olhou para a cadeira posicionada ao lado da cama. E, bam! Ela recebeu a memória de Joy, sua irmã mais nova, pisando dentro do quarto. Ela segurou a mão de Della e chorou. Chorou silenciosamente, porque até mesmo a irmã dela sabia como seu pai odiava fraqueza. As palavras de Joy tocaram como música triste na cabeça de Della.

— *Por favor não morra, Della. Você deveria me ajudar, me ajudar a aprender a ser forte como você.*

Uma grande dor encheu o peito de Della. Ela estava tão feliz por não ter morrido e desiludido Joy. Olhando para a janela, ela tinha uma vaga lembrança de... de estar de pé no telhado.

— Fomos a algum lugar?

— Sim, você estava começando a ter febre... Meio que precisava testar suas asas. Você esteve bem, também.

De repente, ela se lembrou de se deslocar a velocidades incríveis e sentir o vento em seu rosto. O que era real?



Seu estômago roncou.

— Estou faminta — ela murmurou.

Chan apontou para um copo de plástico grande com um canudo.

— Você não terminou o seu café da manhã.

Ela pegou a bebida e tomou um gole. Mil sabores diferentes explodiram em sua boca. Bagas, chocolate escuro, melão picante. Sabores que ela nem sequer reconhecia, mas que de alguma forma sabia que eram fundamentais para a sua sobrevivência agora que os tinha provado.

— O que é isso? — ela lambeu os lábios e imediatamente começou a beber novamente. Sua sobrancelha direita arqueou.

— É do que você estará vivendo a partir de agora. Sangue.

Ela quase engasgou, então parou. Ela tinha mordido a língua antes.

— Sangue não tem este sabor — ela tirou a tampa e ficou olhando... O que parecia sangue. — Como pode...

— Nada vai ter o mesmo gosto de antes. Você não se lembra de engasgar com a canja que sua mãe lhe trouxe?



Ela olhou para seu primo e se lembrou vagamente de tentar comer a canja.

— Diga-me que você está mentindo.

— Desculpe. Tudo é diferente agora. Não adianta eu tentar esconder a verdade. Apenas aceite.

Ela olhou para a espessa substância vermelha em seu copo.

— Isso não pode ser real.

— É tão real quanto possível.

— Oh, Deus! — ela colocou o copo em sua mesa de cabeceira e olhou para ele. — Que tipo de sangue?

— AB negativo. O é melhor, mas eu não consegui encontrar nenhum.

— Isso é... É sangue humano? — seu estômago se revirou.

Ele assentiu.

— Animal não é tão bom. Mas você aprenderá sobre isso com o tempo. Eu tenho muito para lhe ensinar.

Ela colocou uma mão sobre a boca e olhou para o copo. Mas mesmo quando o pensamento de beber sangue a enojava, mesmo



quando uma parte sua prometia não se tornar este monstro, sua boca ansiava por outro gosto, outro gole.

Ela nunca tinha conhecido a fome ou a sede de verdade, mas esta... esta sensação que lhe dizia que se não terminasse o que estava no copo agora ela poderia morrer, tinha que ser o mais próximo que ela alguma vez tinha experimentado.

Chan foi para pegar o copo. Antes que ela soubesse o que estava fazendo, ela se lançou, jogou-o para o outro lado do quarto e pegou o copo.

Ele riu.

— Deduzi que sim.

Ela terminou a bebida e olhou para Chan.

— Preciso de mais.

— Eu sei. Logo após a transformação, você está faminta. Eu acho que bebi cerca de quinze litros nos meus primeiros dias. Mas você vai ter que esperar até depois de seus pais irem para a cama.

— Eu quero agora — ela sibilou, nem mesmo reconhecendo a sua própria voz.





— Eles não me pediram identificação? — perguntou Della, seguindo Chan dentro do clube, várias horas mais tarde. O lugar estava escuro, iluminado apenas por algumas velas, mas surpreendentemente ela não tinha muita dificuldade em ver. Ou em ouvir. Barulho, o ruído da multidão, a vibração de diferentes conversas e as pessoas se mexendo em suas cadeiras, vinha para ela de todas as direções, mas de alguma forma ela poderia fechar as partes que ela não queria ouvir. No entanto, o ambiente não ficou prejudicado pelo ruído ou pela iluminação. Energia vibrava no local. Della sentia-a, senti-a a alimentando, como alguma droga proibida.

— A única identificação que você precisa para este lugar está aqui — ele tocou a sua testa.

Imediatamente, Della se lembrou das coisas estranhas que tinha visto na testa de todos. Ela agarrou o braço dele.

— O que é isso? A coisa da testa?

Ele sorriu.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



— É a sua identificação. Todos os seres sobrenaturais têm a capacidade de ler padrões cerebrais e, eventualmente, você vai aprender a dizer quem é o quê. E se você se concentrar um pouco pode penetrar em seus escudos e saber se é amigo ou inimigo — ele apontou para o outro lado da sala. — Olhe o cara de camisa verde. Aperte seus olhos, olhe para sua testa e diga-me o que vê.

No início tudo o que Della viu foi sua testa e depois...

— Eu vejo... Linhas em redemoinho.

— Agora olhe para o meu padrão. Você vê as semelhanças? — Chan pediu.

— Sim. Mas eles não são idênticos — disse ela.

— Não são idênticos, mas ele é vampiro. Padrões cerebrais são como trilhas na neve, cedo ou tarde, você será capaz de saber que tipo de animal deixou essa impressão — ela assentiu e olhou ao redor da sala. — Olhe para padrão do cara grande, o cara do casaco preto — disse ele. Ela fez. O padrão era completamente diferente. Linhas horizontais e... — Agora olhe mais fundo. Continue olhando. Abra sua mente — ela se concentrou e o que ela viu era preto e escuro e exalava a impressão de perigo. Ela deu um passo para trás. Ele riu. —



Está tudo bem. Ele não vai te machucar. Não aqui, de qualquer maneira. Mas encontre-o em um beco escuro e quem sabe.

— Eu não estava com medo — ela insistiu, mas ela sabia que era uma mentira e ouviu seu próprio batimento cardíaco acelerar, como se pontuando a mentira.

— Você deveria estar. Ele é Lobisomem e não alguém com quem você deseja se associar.

Della se lembrou.

— O médico. Ele era um lobisomem e ele não parecia... Ruim.

— Eles são todos ruins — ele olhou em volta. — Há uma Fae, a morena bonita no vestido rosa. Bem, ela é metade Fae, metade humana.

Della juntou as sobrancelhas e recordou o padrão da enfermeira no hospital.

— Eu acho que começo a entender. Mas se essas pessoas não se dão bem, como é que elas vêm para mesmo bar? E por que eles trabalham juntos?

— Porque alguns supers acham que devemos viver como uma grande família feliz. Como seres humanos que querem viver ao lado



de leões. E eu admito que eu tive o meu quinhão de diversão brincando com uma poucas raças — ele mexeu as sobrancelhas. — Especialmente os seres humanos. É divertido brincar com a nossa comida.

Della deu um passo para trás.

— Você é humano. Como você pode...

— Eu te disse antes, não vou dourar a pílula. Eu não sou mais humano. Nem você. Você precisa começar a olhar para os seres humanos como presas, porque isso é tudo o que eles são para nós.

Della colocou a mão sobre sua boca.

— O sangue mais cedo, você não fez... Mal a ninguém?

— Trouxe-o de um banco de sangue — ele desviou o olhar, quase demasiado depressa, como se estivesse mentindo. — Oh, vê o rapaz de camisa preta? Verifique o seu padrão, mas... Se ele olhar para cá, desvie o olhar rapidamente — emoções giravam no peito de Della. Ela olhou para Chan. — Olhe para ele, Della. Isso é importante. Você precisa saber esta merda.

— Por quê?



— Porque ele é um metamorfo. Você precisa ser capaz de reconhecê-los para poder ficar longe deles. Eles são uma raça fodida. Todas aquelas mudanças de forma mexem com sua psique. A maioria deles ia tão rapidamente matá-la como falar com você de passagem — suas emoções estavam girando novamente em seu peito. — Não se preocupe — disse Chan. — Onde você vai viver, você não terá que...

Della lembrou trechos da conversa vaga sobre deixar sua família. Ela não poderia fazer isso.

— Chan, eu...

— Eu vou levar você de volta para Utah comigo. É uma comunidade de vampiros. Eu estou realmente pensando em me juntar a uma gangue e se você quiser, nós dois podemos...

Ela balançou a cabeça.

— Mesmo se eu quisesse ir com você, meus pais nunca me deixariam ir.

— Essa é outra das razões porque estamos aqui. Tem um cara aqui, um agente funerário, ele vai nos ajudar a fingir a sua morte. Como você quer ir, acidente de carro? Talvez você caia e atinja sua cabeça quando sair da banheira. Ele é muito bom.



Della ficou ali olhando para ele, o ambiente escuro à luz de velas fazendo tudo parecer surreal. Imediatamente, lembrou-se como os pais de Chan tinham estado devastados em seu funeral, como a irmã mais nova dele e a dela tinham chorado. Como Della tinha tido vontade de chorar, mas seu pai ficou olhando para ela para lembrá-lhe que ela tinha que ser forte.

— Não — ela disse a Chan. — Eu não vou fazer isso.

— Você não tem escolha.

— Não!

E justo assim, Chan a enojou. Ela tinha que ficar longe dele. Longe de tudo o que ele estava dizendo a ela. Ela empurrou-o com força. Mais força do que ela pretendia. Ela o viu voar para o outro lado da sala. Ela não esperou para vê-lo aterrissar, ou mesmo para ver se ele estava bem. Ela fugiu, correndo entre as mesas até que viu uma porta e correu para ela. Essa sala estava ainda mais escura com apenas duas ou três velas colocadas em um bar. Ela disparou para longe da luz, esperando se esconder, na esperança de perder-se na multidão. De repente um cara agarrou-a pelos seus antebraços.

— Devagar, docinho. Você está bem?



Docinho? Ela olhou para ele, mas com lágrimas nos olhos, sua visão não estava bastante focada. De repente, sua testa se abriu e ela viu o seu padrão. Ela não sabia o que era, mas quando olhou mais fundo, ela recebeu um sentimento desprezível. Ele se inclinou mais perto. Seu hálito cheirava a cebolas.

— Eu pedi isso para mim, mas eu acho que você precisa mais — ele colocou um copo quente na mão dela.

Ela estava prestes a cair fora quando o cheiro a atingiu. Os sabores exóticos. Ela levou o copo aos lábios e engoliu-o em um gole só. Era melhor do que qualquer bebida alcoólica que ela já tinha provado. Ainda melhor do que o sangue que ela tinha bebido antes.

— O que era isso? — ela lambeu os lábios para recolher o último gosto.

— O negativo. Recém-drenado — o cara sorriu. — Meu nome é Marshal. Que tal irmos para minha casa? Eu tenho algumas dessas coisas em casa, também.

A sua presença doentia subitamente a esmagou.

— Já ouviu falar de estupro, seu pervertido? — Della ferveu, percebendo que o cara era mais velho que o pai dela.



— Precisa de ajuda? — perguntou uma garota que de repente parou junto dela. Estava vestida de gótica e seus olhos brilhavam de uma cor de ouro. Della apertou as sobrancelhas para ler o padrão cerebral da garota e decidiu que era mais provavelmente um lobisomem. A garota agarrou o homem.

O homem empurrou a garota para longe e pegou Della. Della se enfureceu e jogou-o do outro lado da sala do jeito que tinha jogado Chan, então ela partiu para outra porta, mas não antes de olhar para trás e ver a garota que a ajudou a dar-lhe o polegar para cima. Della não pode evitar e se perguntou se Chan não estava errado sobre os lobisomens.

— *Não acredite em tudo que ele te disser. Você parece uma garota inteligente. Faça suas próprias decisões* — as palavras do médico vieram em sua cabeça, mas ela não tinha tempo para pensar. Ela ouviu o velho sujo jorrando ordens para alguém encontrá-la e trazê-la de volta para que ele pudesse lhe ensinar uma lição.

Ela havia aprendido lições suficientes para um dia, Della pensou. Ela correu mais rápido derrubando mesas e cadeiras e, ocasionalmente, as cadeiras não estavam vazias.



— Desculpe. Desculpe — disse ela enquanto seguia movendo-se através dos escuros espaços lotados.

Ela cheirou cerveja e ouviu o som tinindo de gelo girando em bebidas. O clube era como uma casa velha, um monte de cubículos e salas minúsculas, com mesas de cartas para as pessoas ficarem juntas em grupos. O interior parecia como se alguém tivesse continuado a acrescentar divisões, criando uma atmosfera de labirinto. Ela fugiu sem rumo, através de uma porta, depois outra, ou talvez não tão sem rumo. Ela seguiu alguma coisa. Ela só não sabia o que era até... Até que ela descobriu. O cheiro.

Sangue.

Ela entrou em outra sala e três homens estavam estirados em uma cama, agulhas em seus braços e sangue sendo drenado de seus corpos. Seu primeiro pensamento foi que eles estavam sendo forçados a desistir da substância que sustentava a sua vida, seu segundo pensamento foi... Hum. Seu estômago resmungou e ela lambeu os lábios. Em seguida, seu último pensamento a enojou. Ela deu um passo para trás, com medo da fome vibrando através de seu corpo, mas depois o cheiro entrou em seus sentidos e sua boca se encheu de água.



— Se você está querendo comprá-lo, você terá que ir ao bar — disse um dos homens. — Nós trabalhamos para Tony e vamos ter a nossa bunda queimada se começarmos a vender aqui. Mas se você quiser ter um de nossos cartões, podemos falar mais tarde.

Della viu como um homem se levantou, puxou uma agulha fora do seu próprio braço e selou o saco com algum tipo de presilha de plástico. Mas o cheiro maduro de todos os sabores exóticos encheu a sala. Ela viu quando ele colocou o sangue em uma bandeja de metal.

— Com fome, não é? — perguntou ele e sorriu para ela. Ela apertou os olhos e viu que ele tinha um padrão semelhante ao da enfermeira. Ele era Fae?

Ela inalou, o cheiro de novo enchendo seu nariz. Percebendo que ele se ofereceu para vender-lhe sangue depois, ela concluiu que eles obviamente não estavam sendo forçados a desistir do sangue. De alguma forma isso fez seu desejo menos hediondo. Seu coração disparou. Seu estômago resmungou e ela mergulhou sobre o homem, seu único objetivo, seu único desejo era obter a bolsa de sangue.

Ela conseguiu. Os outros homens se levantaram de suas camas. As agulhas foram retiradas de seus braços, o sangue derramado no chão, quando eles se levantaram. Ela sibilou para eles, pensando que



eles iriam atacar, mas todos eles recuaram, como se ela os assustasse. Ela sabia que assustava a si mesma. Os profundos sons de raiva que saíam de seus lábios eram diferentes de qualquer som que ela já tinha feito.

Se movendo para trás, ela encontrou a maçaneta e saiu pela porta, mas um ruído estridente encheu sua cabeça. Alarmes. Ela segurou o saco plástico de sangue perto do peito e se abaixou entre mesas lotadas. Cabeças se viraram e seguiram todos os seus movimentos. Ela percebeu que talvez os outros fossem como ela e provavelmente poderiam sentir o cheiro do sangue. Mas ela ainda não se importava. Ela precisava disso. Tinha que tê-lo.

De repente, sentiu alguém agarrar o braço dela e puxá-la para o outro lado da sala. Ela lutou, mas a força do seu atacante combinava com a sua. Os alarmes não paravam de tocar, ela ouviu pessoas correndo para longe dela e alguns em sua direção. Quem a estava a puxar continuou para o outro lado da sala. Ela olhou e não viu uma porta, não havia como escapar. Será que ela ia morrer aqui, porque havia roubado sangue? Ela tentou se afastar, mas não conseguiu. E então eles caíram através de uma janela, cacos de vidro caíram em torno dela e em segundos eles estavam voando.



— Isso foi tão estúpido — disse Chan. — Você poderia ter nos matado.

Ela fechou os olhos com força, se impedindo de mostrar fraqueza, mas lá dentro, onde contava mais, as lágrimas caíram. O que estava acontecendo com ela? Que tipo de monstro ela tinha se tornado?

Em questão de minutos, ela e Chan chegaram ao lado de fora de sua casa. Normalmente, ele pousava no telhado e se arrastava até sua janela do quarto. Não desta vez. Ela agarrou o sangue no peito como se fosse uma pedra preciosa.

— Se você quiser, é melhor você tomar agora — disse ele, sua frustração evidente tanto em sua postura como em seu tom. — Seus pais estão acordados e chateados.

A bolsa de sangue em sua mão ainda estava quente. De alguma forma o seu cheiro derramou do plástico e encheu o seu nariz. Della olhou de volta para sua casa.

— Como você sabe que eles estão acordados?

— Se concentre. Sua audição sensível já deve estar funcionando.



Ela olhou para a janela do quarto.

— Eu não posso ouvir... — e, de repente, ela podia. Sua mãe chorava e seu pai murmurava sobre como ele planejava encontrar uma boa reabilitação para droga. Ela olhou para Chan. — Eu estou usando drogas?

— Não, mas você está fazendo coisas que nunca fez, então eles apenas supõem. Meus pais fizeram a mesma coisa — suspirou. — Mas não importa o que pensam.

— Importa para mim — retrucou Della.

Ele balançou a cabeça.

— Você não consegue ver como vai ser impossível viver aqui? Não é como se você pudesse manter seu suprimento de sangue na geladeira. Você não vai caber em seu estilo de vida agora.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não posso... Eu não posso me afastar de... Lee. Não posso deixar a minha irmã. Ela precisa de mim — e quer ela quisesse admitir ou não, ela amava seus pais, também.

— Della Cabeça-Dura — ele murmurou. — Eu deveria ter sabido que você teria que descobrir isso por si mesma. Então,



vá... Entre aí com o seu sangue e veja se você consegue explicá-lo — ele ergueu as mãos como se exasperado. — Eu vou embora. Voltar para Utah. Como você vai conseguir sangue amanhã ou no dia seguinte? Você já não pode viver com os humanos. Não pode.

— Eles são minha família — disse ela.

— Não mais. Eu sou sua família. Outros vampiros são sua família. Você vai ver. Você não pertence a este lugar — ela olhou para o saco de sangue. Suas mãos tremiam. Seu peito doía com emoção. — Ah, dane-se — disse Chan e a fúria em seus olhos desapareceu. — Dê-me o sangue. Eu vou trazê-lo para você mais tarde. Vá lidar com seus pais. Mas eu estou te dizendo, eu não posso ficar aqui para lhe fornecer sangue para sempre. Cedo ou tarde, você vai ter que deixá-los. Você vai ver. Eu não me importo com o quão teimosa você é, mais cedo ou mais tarde, você vai tem que aceitar a minha ajuda.



Della recusou-se a chorar. Não importam quão duras e amargas as palavras de seu pai foram. Ela sentou-se ali no sofá, o



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...



queixo erguido, ouvindo os insultos. Cada um ferindo um pouco mais. Mas dane-se o inferno. Ela não chorou. Seu pai continuou, dizendo-lhe como ela era uma decepção para ele e seu legado familiar. Como ela tinha trazido vergonha para seu nome de família. Como ele nunca seria capaz de ficar orgulhoso em público novamente.

— Vá para seu quarto e pense sobre o que você fez! — ele finalmente exigiu.

Ela foi. Ela não conseguia ficar longe dele, ou de sua mãe, rápido o suficiente. Sua mãe tinha ficado de cara e o deixado dizer aquelas coisas horríveis. Tudo isso mentira. Ela não estava usando drogas, ou vendendo o corpo para homens diferentes para alimentar sua obsessão. Ela tinha dado o corpo dela a uma pessoa, Lee, a quem ela amava, que a amava. Quando ela chegou ao seu quarto e bateu a porta, ela tentou engolir a vergonha, a raiva, a fúria que encheu a sua garganta.

Em seguida, o cheiro doce de rosas encheu o seu nariz. Seu olhar foi para o arranjo. De repente, tudo o que ela podia pensar era Lee. Ela precisava que ele a abraçasse, lhe dissesse que ficaria tudo bem. Correndo para a janela, abriu-a e olhou para a grama dois andares abaixo. Ela ficou na ponta durante vários segundos, sem saber como fazer isso, mas o desespero a fez saltar.



Pousou em seus pés sem sentir qualquer do impacto do salto, deu uma respiração profunda e começou a correr. No início, era lenta, então mais e mais rápida. Logo ela não estava sequer certa de que seus pés tocavam o chão. Enquanto o vento soprava o cabelo ao redor de seu rosto, Della formou um novo plano.

Ela não tinha que ir viver com Chan, em Utah; ela e Lee podiam começar sua própria casa. Eles tinham conversado sobre isso já. Que iriam trabalhar a tempo parcial e ir à escola. Eles poderiam fazer isso.

Em menos de cinco minutos, ela parou na frente da casa de Lee. Ela viu sua janela, estava escura. Claro que estava escura, eram duas da manhã, mas ela não se importava. Ela saltou, agarrando a borda e então ela forçou a janela para cima. Felizmente, não estava trancada. Quando ela subiu no interior, Lee sentou-se. Ele piscou, olhou para ela com seus escuros olhos castanhos e então ele passou a mão pelos cabelos.

— Della?

Ela se aproximou.

— Eu... Eu tinha que vê-lo. Senti sua falta.

— Você está bem?



— Sim, eu estou bem.

— Sua mãe disse que os médicos não sabiam o que estava errado com você.

— Eles não sabiam, mas estou bem agora e eu estive pensando... Eu quero estar com você. Eu quero que tenhamos o nosso próprio apartamento como falávamos.

Ele olhou para ela, seu cabelo despenteado. Ele não estava usando uma camisa e ele parecia bem. *Sexy*. Ela se mudou para a beira da cama.

— Como você... Entrou? — ele olhou para a janela.

— Não estava trancada.

— Mas é a janela do segundo andar — ele coçou a cabeça.

Ela se sentou ao lado dele.

— Eu te amo, Lee. Eu quero estar com você, sempre — ela estendeu a mão para tocá-lo. Sua pele era tão quente, se sentia tão bem. Ela só queria deitar-se ao lado dele, para ele segurá-la.

Ele se encolheu e se afastou.



— Você está fria. *Muito* fria — suas palavras trouxeram de volta algo que Chan havia dito quando ela estava meio desmaiada. Algo sobre sua temperatura corporal em mudança, sobre como ela não podia deixar seus pais medirem sua temperatura. — O que há de errado com você? — disse ele, se afastando. — Você ainda deve estar doente.

— Não — disse Della. — Eu estou bem, eu estou apenas... Eu quero dizer... — o que ela queria dizer? Ela ia contar a verdade a Lee? — Eu não sou contagiosa — disse ela.

— O que você teve? — ele se afastou, quando tudo o que ela queria fazer era chegar mais perto. Ela queria que ele a segurasse, beijasse e a fizesse esquecer tudo o que aconteceu nestes últimos dias. Ele passou a mão pelos cabelos negros. — Você deve provavelmente ir. Se você for pega aqui, sabe como vai parecer.

— Vai parecer como se estivéssemos dormindo juntos. E estamos. Eu já não me importo se as pessoas sabem.

Ela pôs a mão em seu ombro.

— Mas eu me importo — disse ele. — Não me toque — ele empurrou a mão dela. — Eu... Desculpe, mas eu não gosto de como você se sente agora. Algo está estranho... Sobre você. É difícil de



explicar, mas você parece muito estranha agora. Acho que você deveria ir para casa e falar com seus pais, obter a ajuda que você precisa.

Nesse momento, a compreensão a atingiu. Atingiu-a como um caminhão sem freios. Lee nunca gostaria de como ela se sentia. Se ele estava com medo de algum tipo de gripe, como é que ele se sentiria sobre ela ser Vampira? Sobre ela beber sangue? Lágrimas encheram-lhe a garganta, mas como a filha que seu pai a tinha educado para ser, ela não deixou uma única lágrima encher seus olhos.

— Percebi — ela se levantou.

— Percebeu o quê? — perguntou ele.

Ela andou para a janela e jurou que não iria olhar para trás, mas ela não podia evitar. Ela se virou e encontrou seus olhos. Por alguma razão, de repente ela viu algo em Lee que não tinha visto antes. Ela viu seu pai. E mesmo assim...

— Eu te amo. Vou sempre te amar — e com isso, ela pulou da janela do segundo andar. Ela ouviu-o chamar o seu nome e afastar as cobertas.

Mas ela se foi antes que seus pés tocassem o chão.





Quando ela voltou para seu quarto, se sentou na beirada de sua cama. Seu estômago rosnou, a boca se encheu de água e ela sabia que precisava... De sangue. Onde estava Chan? E se ele tivesse tomado o O negativo para si mesmo? Ele a tinha abandonado? Ela deu um pulo, foi para o espelho e olhou para si mesma. Seus olhos já não eram castanho-escuros, mas de ouro. Amarelo brilhante e quente como se algo dentro dela queimasse. E ainda assim ela estava fria. Demasiado fria para Lee? Ela reparou que seus dois caninos estavam... Afiados. Seu pulso disparou e ela ouviu as palavras de Chan saltarem ao redor de sua cabeça.

— Você já não pode viver com os humanos. Você não pertence a este lugar.

Seu peito doía e desta vez ela chorou. Rastros de lágrimas escorriam pelo seu rosto. Aceitando o que ela tinha que fazer, pegou sua mala e jogou algumas coisas lá dentro. Quando Chan chegasse, ela estaria pronta. Então, percebendo que não poderia ir... Sem ao menos ver a família mais uma vez, ela foi na ponta dos pés para fora de seu quarto e desceu as escadas. A porta de seus pais estava fechada, mas



ela abriu-a apenas um pouco. Apenas o suficiente para vê-los uma última vez. Sua mãe estava dormindo no peito de seu pai. Sua mãe podia não gostar do orgulho de seu pai, mas ela ainda o amava. Ela o amava, porque no fundo sabia que seu pai havia abandonado o seu orgulho para casar com uma mulher branca. Na verdade, ele amava sua mãe mais do que seu orgulho.

Sua garganta apertou quando ela fechou a porta silenciosamente. Então ela voltou a subir as escadas, mas em vez de se mover em direção a seu quarto, ela foi ao quarto de Joy. A porta não estava fechada. Ela entrou e foi para a borda da cama. Sua irmã rolou e abriu os olhos.

— Está se sentindo melhor? — perguntou ela.

— Sim — Della tentou manter a voz firme.

Joy sorriu aquele sorriso sonolento dela que a fazia parecer mais jovem do que dez.

— Eu disse a Mãe que você não iria morrer, porque você não me deixaria. Você nunca iria me deixar — ela caiu sobre o travesseiro e voltou a dormir.

Lágrimas encheram os olhos de Della e a dor de saber que ela nunca veria sua irmã novamente fez quebrar o seu coração. Ela se



levantou e saiu do quarto. Fechou a porta e viu sua bolsa cheia. Ela tinha deixado a janela aberta, esperando que Chan iria vê-la e voltar. Uma brisa entrou. Sentia-se... Mais fria. Anormalmente fria. Arrepios percorreram a sua coluna.

Algo vibrou através do piso de madeira e chamou a atenção de Della. Ela olhou para baixo, para o cartão. Apanhou-o e viu o nome *Holiday Brandon* rabiscado no cartão. Abaixo do nome estava um número de telefone e as palavras *Acampamento Shadow Falls*.

Vagamente, lembrou-se do médico e da enfermeira dizendo que ela podia chamar alguém, alguém que poderia ajudá-la a decidir a coisa certa a fazer. Mas ela não podia chamar um estranho e pedir ajuda. Ou podia? Seus pensamentos foram para sua irmã e Della pegou o telefone e discou.

— Acampamento Shadow Falls — uma mulher atendeu. Della não conseguia falar. — Está aí? — perguntou a voz sonolenta. — Quem é?

Outro fluxo de lágrimas silenciosamente deslizou pelo rosto do Della.

— Meu nome é Della Tsang e preciso de ajuda.





A Série Shadow Falls até o momento possui 4 livros mais o prequel. No Brasil a publicação é feita pela Editora Jangada!

0.5-Turned at Dark

01-Born at Midnight

02 - Awake at Dawn

03 - Taken at Dusk

04- Whispers at Moonrise

Acompanhe a história no próximo livro : 01 - Nascida a Meia-Noite



❖ *Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...* ❖



Na mitologia nórdica, as **valquírias** eram deidades menores, servas de Odin. O termo deriva do nórdico antigo *valkyrja* (em tradução literal significa "as que escolhem os que vão morrer.")

As valquírias eram belas jovens mulheres que montadas em cavalos alados e armadas com elmos e lanças, sobrevoavam os campos de batalha escolhendo quais guerreiros, os mais bravos, recém-abatidos entrariam no Valhala. Elas o faziam por ordem e benefício de Odin, que precisava de muitos guerreiros corajosos para a batalha vindoura do Ragnarok.

As valquírias escoltavam esses heróis, que eram conhecidos como Einherjar, para Valhala, o salão de Odin. Lá, os escolhidos lutariam todos os dias e festejariam todas as noites em preparação ao Ragnarok, quando ajudariam a defender Asgard na batalha final, em que os deuses morreriam. Devido a um acordo de Odin com a deusa Freya, que chefiava as valquírias, metade desses guerreiros e todas as mulheres mortas em batalha eram levadas para o palácio da deusa.

As valquírias cavalgavam nos céus com armaduras brilhantes e ajudavam a determinar o vitorioso das batalhas e o curso das guerras. Elas também serviam a Odin como mensageiras e quando cavalgavam como tais, suas armaduras faiscavam causando o estranho fenômeno atmosférico chamado de Aurora Boreal.



Nós conduzimos as almas dos mortos em combates...

